

O DISCURSO OCULTO NO OBITUÁRIO DE EXTREMA EXALTAÇÃO DA IMAGEM DE JOAQUIM NABUCO

THE HIDDEN DISCOURSE IN THE OBITUARY OF EXTREME EXALTATION OF THE IMAGE OF JOAQUIM NABUCO

Keicy Salustiano Duarte Silva¹

Resumo: O artigo tem por objetivo, analisar a retórica da exaltação em alguns discursos biográficos e obituários do século XX, sobre o abolicionista Joaquim Nabuco. Considerando a escrita biográfica e a produção obituária como escritas da história e construtoras de reputação, em diálogo com Julian Hamann, James Scott e Trouillot, analisamos os elementos por trás do discurso público, que expliquem a repetição e o desejo de saudar a vida de Nabuco como um talentoso nato, e sobretudo, como uma espécie de “libertador da raça negra”. A análise evidenciou, que a tentativa de construir um sujeito insigne, oculta uma identificação com o falecido, sua origem ou classe, da mesma forma, essa fabricação da história fomenta uma certa invisibilidade de fatos e participantes ativos no mesmo tecido social.

Palavras-chave: Joaquim Nabuco, Abolicionismo, Biografia, Discurso.

Abstract: The article aims to analyze the rhetoric of exaltation in some biographical and obituary speeches of the twentieth century, about the abolitionist Joaquim Nabuco. Considering biographical writing and obituary production as writings of history and builders of reputation, in dialogue with Julian Hamann, James Scott and Trouillot, we analyze the elements behind the public discourse, which explain the repetition and the desire to salute the life of Nabuco as a born talent, and above all, as a kind of “liberator of the black race”. The analysis showed that the attempt to build a distinguished subject hides an identification with the deceased, his origin or class, in the same way, this fabrication of history fosters a certain invisibility of facts and active participants in the same social fabric.

Keywords: Joaquim Nabuco, Abolitionism, Biography, Speech.

¹ Doutoranda em História Social pelo PPGHIS-UFRJ. Mestre em História PPGHIS-UFSC. Graduada em Licenciatura em História pela UFFS. Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7532494258925599>. E-mail: keicyssilva@gmail.com. Orcid: <http://lattes.cnpq.br/7532494258925599>.

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma análise sobre a forma de apresentação da trajetória do abolicionista Joaquim Nabuco, por meio do discurso biográfico e obituário compostos de extrema valorização do sujeito como uma persona excepcional e com uma vida exemplar. Partimos do pressuposto, que a existência de um grande número de biografias e textos de elogio fúnebres sobre Joaquim Nabuco, passa uma determinada mensagem à sociedade, assim como, demarca uma determinada persona como importante para a história do país, sobretudo se tratando de um sujeito branco da elite escravocrata do século XIX. Sabemos da existência de um número considerável de biografias publicadas sobre Nabuco no século XX, e a grande maioria promoveu na forma retórica, a fabricação de Nabuco como líder abolicionista e, inclusive, como mais destacado no movimento em relação aos abolicionistas negros, como por exemplo, André Rebouças e José do Patrocínio, ou mesmo Luiz Gama que iniciou suas movimentações pela causa abolicionista muito antes de Joaquim Nabuco.

Essas biografias, tiveram grande espaço na construção de Nabuco como um *cânone*, no sentido de pessoa com talentos naturais, dono de uma vida exemplar e símbolo nacional. Como nos lembrou Célia Maria Marinho Azevedo (2001), a celebração de imagem de Nabuco ainda é tamanha, “[...]que alguém que não reconhece tal culto, ou não compartilhe de uma tal devoção, tem a sensação de estar sendo arrastado a um ritual sufocante de rezas e incensos, fora do qual só existiriam as fogueiras inquisitoriais” (AZEVEDO, 2001, p. 1). Por suposto, nossa abordagem tem como foco, olhar para o discurso presente em dois textos que podem ser considerados obituários de Joaquim Nabuco. O primeiro, é o discurso de Gilberto Freyre, escritor que produziu uma série de artigos durante os anos de 1847 e 1987, em decorrência dos cem anos da morte de Nabuco, artigos esses que hoje estão compilados em um livro denominado *Em torno de Joaquim Nabuco* (2010). Outra matéria prima para nosso debate, é o elogio fúnebre seguido de um esboço biográfico escrito por Sebastião de Vasconcelos Galvão, e publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro um ano após a morte de Nabuco em 1911.

No intuito de trazermos efetividade ao debate, vamos apresentar apenas uma amostra de como esses textos tentaram eternizar a figura de Joaquim Nabuco como sujeito único e exemplar. Nosso foco é a retórica discursiva que denomina a vida de Nabuco como algo a ser lembrado de modo grandioso, claramente não daremos conta, neste artigo, de apresentar a gama completa de cada fonte, porém, a ideia central é abrir uma janela para a discussão principal: o que estaria por trás do discurso público sobre a vida de Nabuco? Qual desejo se mostra na saudação da vida de Nabuco por meio desses tipos textuais? A quem interessa a extrema valorização da vida e dos feitos de Nabuco, e a fixação de sua figura na história da escravidão no Brasil como grande abolicionista? Essas, são

algumas das indagações que permeiam nossa reflexão prévia sobre o tema e, com certeza, também são questões que nos inquietam a explicar um pouco mais a temática.

O sociólogo Julian Hamann (2015), apresenta a perspectiva de como a valorização biográfica evoca a vida de sujeitos descritos como naturalmente talentosos, sujeitos apresentados com trajetória de vida linear, bem articulada, coerente e com acontecimentos ordenadores de um sucesso, são aqueles considerados predestinados a um determinado êxito e uma determinada carreira. A ideia de Hamann, que nomeia o obituário como um texto acadêmico com formas institucionalizadas e fabricado por especialistas, contribui para pensarmos essa produção discursiva obituária como advinda de um grupo específico, que deseja manter-se na virtude de seus privilégios, notados e lembrados como superiores. Com relação ao discurso público, que está presente no texto do obituário institucional, nossa proposta é dialogar com a abordagem de discursos ocultos de James Scott (2013), assim como pensar a argumentação de Michel-Rolph Trouillot (2016), sobre o processo de silenciamento do passado e a produção historiográfica.

É cabível mencionar, que a tese de James Scott sobre os discursos ocultos, está relacionada com as formas de resistência de grupos sujeitos à uma dominação social. Para Scott, o discurso escondido pode aquietar o sujeito em primeira instância, mas pode também, tornar-se um potencial de conflito ou revolta que dependendo da situação pode ser eficaz na ação do sujeito. O discurso oculto nesse caso, é o que constitui a validação do poder, quem determina o que pode ser público e o que não pode ser dito seriam então as elites dominantes (SCOTT, 2013). Por essa ótica, trazemos o pensamento de James Scott no sentido, de que a mesma classe dominante que instaura o poder de discursar, é a que esconde um desejo de mostrar-se como superior na historiografia. Pensando assim, o discurso público presente no obituário preenchido por cordialidades e reverências, esconderia também uma vontade de manutenção da história como algo fabricado e dito apenas por “nós”, os considerados vencedores, os mercedores de destaque fúnebre. Ou seja, o lado dominante pode também esconder um discurso, na ânsia pela fabricação da história, mas que se apresenta em forma de exaltação ao outro, aos pares.

A primeira sessão deste artigo, servirá como introdução para compreendermos o contexto social e as origens de Nabuco, assim, traremos uma breve historicização sobre sua produção intelectual, o ambiente em que cresceu e um pouco do seu envolvimento na política e na causa pela abolição da escravidão. A segunda sessão, e a mais longa, é composta pela principal discussão deste trabalho, a apresentação das fontes por meio da descrição de alguns trechos que exemplificam a forma retórica que descreve, constrói e posiciona Joaquim Nabuco como um sujeito monumento em relação ao abolicionismo. Aliado a isso, traremos o aporte teórico para fundamentar a discussão principal do artigo, sobre qual o discurso dominante, e como essa forma retórica contribui na tentativa de

construção de uma reputação do sujeito que se quer exaltar. Partiremos de uma correlação da discussão sobre valorização da persona por meio de obituários e biografias, pensando nessa produção historiográfica como um discurso público que busca institucionalizar a historiografia, mas que no obscuro da narrativa teria uma outra ideia de apresentação que não é exposta. Ou seja, queremos explanar o que estaria em jogo nessa produção historiográfica de saudação a um indivíduo como insigne, por meio do discurso obituário.

O ABOLICIONISTA

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu em 19 de agosto de 1849 e faleceu em 17 de janeiro de 1910. Criado em solo escravocrata desde a infância, Nabuco conviveu com pessoas escravizadas e em meio ao cotidiano da vida no engenho, foi criado por sua madrinha Ana Rosa que era apaixonada por ele, lhe fazia todos os gostos e que após falecer deixou o engenho como herança para Nabuco. Tanto na infância, quanto na juventude, Nabuco aprendeu a valorizar a serventia e a desfrutar dos luxos do estilo de vida das elites escravocratas do século XIX. Estudante de direito, amante da literatura e da política, Nabuco que era filho de Senador, teve que decidir sobre qual carreira seguir. O pai queria o filho seguindo seus passos, mas o jovem almejava viagens, reconhecimento e sucesso, além de ficar indeciso sobre qual caminho seguir, no início da juventude seu maior desejo era viajar pela Europa, queria o envolvimento na literatura, estabilidade financeira e aproximação com o local pelo qual era mais apaixonado, Londres.

Autor de livros como *O abolicionismo* (1883), *Um estadista do Império* (1897), e uma autobiografia denominada *Minha formação* (1900), Nabuco também exerceu as funções de advogado, jornalista e até diplomata. Em 1877, teve uma candidatura a deputado pelo Recife lançada por seu pai, mas que mesmo assim não surtiu muito efeito, Nabuco não queria de início seguir os passos do Senador Nabuco de Araújo, mas com uma candidatura arranjada teve que se inteirar na política brasileira. No cenário político ele era visto como o filho do Senador, o que lhe reservou bastante oposição pela Câmara até mesmo do partido Liberal que fazia parte, muitos não viam o filho à altura do pai, entretanto, como salienta Emilia Viotti da Costa, “apesar da má vontade de muitos, Nabuco, graças ao prestígio de sua família e a proteção do barão de Vila Bela, conseguiu ser eleito, embora, por pequena margem.” (COSTA, 2008, p. 104).

Um perfil marcado por uma personalidade bastante narcisista, Joaquim Nabuco era um sujeito que almejava ser reconhecido, adorava o palco, o discurso e a disseminação de suas ideias, era também conhecido em sua época por se vestir de modo rebuscado e amante do estilo de vida londrino. Em sua autobiografia *Minha Formação* (1900), Nabuco narra o gosto pela causa abolicionista como uma “afeição humana com os escravos”, o interesse pelo escravizado ele diz ter trazido da infância,

da convivência no engenho (NABUCO, 1900, p. 125). Mas, a causa abolicionista surge na vida de Nabuco também como uma oportunidade de obter algum sucesso em alguma causa política. Sendo assim, a candidatura arranjada por seu pai e a posterior entrada para ao Parlamento foram o gancho encontrado por Nabuco para agarrar a abolição. De acordo com Angela Alonso, “Nabuco sabia, tendo acompanhado o pai, que se especializar num assunto era o que garantia destaque e liderança [...]” (ALONSO, 2007, p. 102). Pois, da mesma forma havia ocorrido com “José Bonifácio, na Independência, com Eusébio de Queirós, contra o tráfico negreiro, com Tavares Bastos, pela autonomia das províncias [...]”, ou seja, era algo recorrente a se fazer para alcançar algum sucesso, “cada um identificando a questão mais apta a galvanizar as atenções e dominar a agenda. (ALONSO, 2007, p. 102).

Naquele contexto, a questão política de maior destaque era a abolição da escravidão, a manutenção e mudanças no sistema escravista estavam à tona desde a década de 1880, inclusive com relação a consolidação do movimento abolicionista. Sendo assim, Nabuco “formado pelo pai na convicção da supremacia da monarquia constitucional [...] vislumbrou aí a chance rara: assenhorear-se de uma bandeira.” (ALONSO, 2007, p. 103). A maioria das biografias do século XX, narraram Nabuco como um sujeito excepcional e “à frente do seu tempo” por seu envolvimento na causa abolicionista, Nabuco foi descrito como um ser *predestinado* a tornar-se um abolicionista de sucesso, ou seja, aquele que nasceu para tal. Contudo, o contexto histórico que envolve a vida de Nabuco, e os acontecimentos em torno da abolição, já demonstrados por Ricardo Salles (2012), Celso Castilho e Maria H. P. T. Machado (2015), evidencia que Nabuco não nasceu um abolicionista formado, ele era um político inserido em uma sociedade escravocrata, e se assenhorou da causa abolicionista muito por conta dos seus privilégios de sua inserção social e política, bem como, das chances que viu para abraçar uma questão de destaque na época.

Os detalhes da consolidação, do movimento abolicionista na época de Nabuco, foram bem trabalhados também por Célia Azevedo (1987;1988), Wlamyra Albuquerque (2018), assim como, Angela Alonso (2015), detalhes que não abordaremos aqui, o que nos chama a atenção, sem dúvida, a fortuna crítica de Nabuco, o número grande de biografias escritas após sua morte, textos de elogio fúnebres ou mesmo textos memoriais dos cem anos de sua morte, ou de exaltação de sua figura como grande abolicionista. Como bem pontuou Angela Alonso, no que tange a historiografia, Nabuco foi colocado “no rol dos personagens que representam a nação, como herói civilizador e pensador do Brasil” (ALONSO, 2007, p. 16), e seu envolvimento com a abolição é por vezes apresentado com maior destaque, assim como a forma que Nabuco narrou a si e suas ações nessa causa, foram de grande contribuição para uma certa construção específica de sua imagem. Ou seja, uma imagem

supervalorizada de si mesmo como líder do movimento abolicionista e destaque na luta pela libertação das pessoas escravizadas.

Um dos desejos de Joaquim Nabuco, segundo Angela Alonso (2007), era a imortalidade de sua alma, talvez um sinal desse desejo, seja a escrita de sua autobiografia *Minha Formação*, produzida aos 40 anos de idade e publicada em 1900. Nesse livro, Nabuco narra sua vida desde o início reconstruindo níveis de sua carreira e destacando como o destino o tornou um abolicionista, ele constrói sua trajetória de modo linear com começo meio e fim, todos ordenados como se os acontecimentos o tivessem levado a se tornar um lutador pela causa. Nabuco não apenas narra a si como iniciador do movimento abolicionista, como também, constrói uma imagem positiva de sua vida, elencando passo a passo o que ele vai chamar de sacrifícios pela causa dos escravizados. Ao que parece, a autobiografia de Nabuco foi base para muitas biografias posteriores, repetindo assim a construção positiva de si e o desfecho na causa pela abolição. Desejo de imortalidade realizado ou não, a historiografia nos conta, que há uma gama de discursos biográficos e elogios fúnebres que se esforçaram para apresentar Nabuco como “herói” e “salvador dos negros”, resta sabermos como esse discurso foi construído no século XX, e quais mecanismos e estratégias foram utilizados nessa retórica para a manutenção de uma figura promissora e com uma vida digna de ser exaltada.

A RETÓRICA DA EXALATAÇÃO, O DISCURSO OCULTO E A RELAÇÃO BIÓGRAFO-BIOGRAFADO

No que diz respeito sobre a biografia como escrita da história, de acordo com Alexandre de Sá Avelar (2012), o gosto e o aumento do relato biográfico podem ser indícios de uma particularidade da sociedade contemporânea, para o historiador, desde os tempos antigos o gênero biográfico “conformou-se em uma série de discursos narrativos consagrados à busca de tornar presente a trajetória passada de um indivíduo, figurar no instante o remoto e o desejo de imortalizar o personagem.” (AVELAR, 2012, p. 63). No caso de Joaquim Nabuco, tanto por meio de sua própria autobiografia em forma de consagração a si mesmo, quanto pelas biografias de admiradores e ou intelectuais publicadas no século XX, o que se tem, é um Nabuco do tipo cânone para a história do Brasil. Para se ter um exemplo, o biógrafo Jorge Buarque Lira, refere-se a Nabuco como “*um dos maiores vultos de nossa pátria, o grande mistagogo do Ideal*”, o que significa uma espécie de sacerdote grego (LIRA, 1991, p. 9, grifos nossos). Outro intelectual que procurou, por meio do discurso, imortalizar Nabuco como grandioso, foi Gilberto Freyre que segundo Célia Azevedo, o mesmo escritor de *Casa Grande e Senzala* (1933) e de diversos artigos sobre Nabuco, “foi fundamental para que Nabuco não fosse esquecido como tantos outros homens de letras de seu tempo” (AZEVEDO, 2012, p. 62).

Para Julian Hamann (2016), biografias e obituários são tipos textuais com foco no curso de vida de um sujeito que seria o objeto de pesquisa daquele que produz o texto de consagração. Hamann fala desses textos como textos acadêmicos, em sua maioria escritos por estudiosos da academia, ou seja, é um discurso produzido por alguém que, se não for admirador do morto, vai realizar uma pesquisa específica para a escrita obituária. Mas ainda assim, existe alguma diferença entre biografia e obituário, para Hamann (2016), um pouco diferente da biografia, o obituário, por ser um texto explicitamente mais saudosista, tende a descrever uma trajetória com formato um tanto mais maquiado. Ou seja, na descrição obituária encobre-se um pouco mais os erros e fatos considerados negativos na vida do sujeito. Já a biografia, se diferencia por mergulhar um pouco mais na descrição da vida privada e por procurar evidenciar uma linha com início meio e fim, e mesmo apresentando algumas frustrações ou intempéries, esse discurso promove uma espécie de “fechamento” da trajetória com alguma apresentação de desfecho. Por mais que a biografia tenha por premissa, encadear os acontecimentos de maneira lógica explicando o sujeito através de sua origem, e muitas vezes omitindo as relações que ele possa ter tido, ou tudo aquilo que o atravessou para chegar em uma determinada carreira, ainda assim, o texto biográfico é um discurso mais suscetível a mostrar fatos considerados negativos ou os erros cometidos pelo indivíduo ao longo de sua vida.

É importante ressaltar, essas diferenças entre biografia e obituário, pois focaremos um pouco mais na análise da ideia de criação de texto obituário, do elogio fúnebre, da consagração pós morte. Se o obituário é aquele que maquia, logo, ele constrói uma narrativa de consagração, de elogios, de destacar perfeições, ou predestinações da vida. Por outro lado, o obituário também nos chama a atenção pela ausência da necessidade de documentar o curso inteiro da vida do sujeito, ou seja, nesse percurso exaltam-se pedaços que o marquem exatamente como um sujeito insigne. Das fontes por nós analisadas, consideramos tanto a biografia, quanto o obituário como discursos de saudação à trajetória de Joaquim Nabuco, cremos que é nesse texto saudosista que o discurso se manifesta de modo peculiar, não apenas pela busca de esconder algumas peripécias da trajetória em prol da saudação, mas também porque com esse encobrimento é que vem a criação do discurso público que esconde um desejo, ou uma vontade pela saudação daquele determinado indivíduo em específico, por algum motivo que não aparece no discurso público.

Vale ressaltar, que o conceito de *trajetória* aqui mencionado, se alinha à perspectiva de Bourdieu no sentido de descrição da vida de modo linear. A *trajetória* de vida do sujeito nesse caso, seria narrada por meio de fatos e acontecimentos ordenados, como se o indivíduo estivesse em um trajeto e que esse trajeto pudesse ser explicado após sua morte por meio de uma *ilusão biográfica*, no esforço de dar sentido as suas vivências, ao curso de sua vida e explicar o sujeito por ele mesmo (Bourdieu, 1996, p. 184). Para Bourdieu, a narrativa biográfica, e incluímos aqui o elogio fúnebre, se

baseia na ideia de que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 1996, p. 184).

O problema dessa ilusão biográfica, é que o sujeito não pode ser explicado por si, ele não tem uma vida que possa ser captada pela escrita do biógrafo fragmentando o indivíduo e o colocando em oposição ao sistema social. O sujeito biografado é fruto de suas relações com outros indivíduos, de sua inserção no mundo, no seu tempo e na sociedade, ele foi atravessado por inúmeros fatos muitas vezes desordenados. Ou seja, aquilo que aparece na escrita biográfica e obituária, é uma *ideia* da vida do biografado pela ótica do biógrafo, que fala do indivíduo falando também de si mesmo. Essa abordagem já foi exposta por Vavy Pacheco Borges (2009, p. 237), que alertou para o cuidado quando se trata de biografar a vida alheia sem torná-la um produto a ser vendido. Pensando nisso, cremos que o cuidado deveria se estender para a não criação de uma história ilusória, e de um indivíduo inexistente, superestimado por meio da narrativa obituária com elogios exacerbados em busca da sua consagração e imortalidade.

Entrando um pouco mais nas fontes, observamos que no discurso biográfico de criação da imagem de Nabuco, é interessante notar como o abolicionista foi citado como grande reformador e “salvador dos negros”, como aquele que lutou em prol de algo que não dizia respeito apenas a si mesmo, mas a toda uma nação. Nabuco é apresentado como se tivesse dedicado sua vida à causa abolicionista em forma de sacrifício por outrem. Assim, essa forma discursiva, apresenta uma mensagem como se a importância de Nabuco para a história tivesse de abranger não apenas a sua trajetória individual, mas aquilo que ele fez pelas pessoas escravizadas e pelo próprio país, daí a vida teria uma espécie de trajetória coletiva. Um exemplo desse tipo discursivo, é o obituário escrito por Sebastião de Vasconcelos Galvão em 1911, intelectual que na época era integrante do *Instituto Histórico e Geográfico (IHGB)*.

Na descrição de Galvão sobre a personalidade de Nabuco, salta aos olhos o laudatório utilizado para demarcar a importância de memorar tal personalidade. No início do texto, Galvão afirma que Nabuco fora um “*Grande e esclarecido patriota brasileiro, extraordinário orador de dotes inexcelsíveis; o mais popular, vivamente sympathico, perfeito e querido dos diplomatas estrangeiros.*” (GALVÃO, 1911, p. 9, grifos nossos). Nesse mesmo culto à imagem de Nabuco, Galvão o denomina ainda como: “[...] *um dos homens de mais cultura que a tem representado; pensador; espírito tão elevado quanto justo e liberal[...]*”. E no que diz respeito a menção de Nabuco como grande abolicionista, Galvão o retrata como sujeito “[...] *ardente e denodado apóstolo da Abolição no reinado de D. Pedro II, e também o pregador sincero e estrênuo dos mais nobres ideais da humanidade[...]*” (GALVÃO, 1911, p. 9, grifos nossos).

O ritual de idolatria, no elogio fúnebre escrito por Galvão, demonstra que o texto obituário se manifesta com a descrição do morto como personalidade única e representante de toda uma nação, talvez no intuito de consagrar a trajetória do indivíduo, bem como integrá-lo a algo maior do que sua própria individualidade, chamando assim a atenção do leitor para a importância social dessa memória. Para dizer mais, Galvão posiciona Nabuco e sua vida como modelo:

[...] caracter nobilíssimo cuja a vida é uma lição sublime de ensinamentos preciosos; assombroso, cultivado, profundo e original talento; eminente gloria de seu paiz, sendo objeto de uma admiração mundial [...] genio das visões dos magnos problemas sociaes, que, rara e singularmente, consubstanciou, n'uma só individualidade, uma vida admirável das maiores qualidades de aptidão e carcater modelar [...] (GALVÃO, 1911, p. 9).

Por esse trecho, vemos que a memória do morto no elogio fúnebre, é elevada ao extremo por meio de adjetivações positivas que o qualifique como naturalmente merecedor de tal homenagem, algo que se estende ainda para a celebração e demarcação da beleza física de Nabuco como um atributo atípico. Segundo Galvão, a beleza de Nabuco foi aliada “*por um capricho especial da natureza, uma varonil belleza physica, de voz sonora, extensa, vibrante e docemente forte, tudo com irresistiveis dons [...]*” (GALVÃO, 1911, p. 9). Além de exaltar a beleza física como extraordinária, algo intrínseco do texto de Galvão é também o uso da voz coletiva para atenuar a narrativa e dar legitimidade ao que foi escolhido e destacado da existência sublime do morto. É possível notar no trecho seguinte, quando Galvão dá a sentença de onde advém a exaltação a Joaquim Nabuco: “*E não é nós que o exaltamos, mas são todas as nações cultas e competentes, que lhe renderam homenagem e proclamaram externamente o valor e a fama de um tão glorioso vulto da geração actual.*” (GALVÃO, 1911, p. 9). Pode-se ver que a exaltação é atribuída às “nações cultas” e “competentes”, isto é, há uma especificação dos tipos que saudariam Nabuco, ele qualifica a nação que ele acredita no dever de exaltar a imagem do abolicionista.

De acordo com Hamann (2015), nesse caso, o autor do obituário fala em nome de uma comunidade e pode usar de expressões que o aproxime do falecido e seu lugar social, algo como, “perdemos um colega de profissão” ou, veja “saudamos um dos nossos”. Ou seja, nessa narrativa a relevância em memorar certa personalidade é colocada de um ponto de vista coletivo, e nesse caso trazer referências coletivas não simboliza apenas a qual comunidade científica ou grupo epistemológico o autor do obituário fala, e a qual o morto pertencia, como afirma Hamann, “[...] a voz de uma comunidade também aparece como uma espécie de juiz diferente da voz pessoal do autor.” (HAMANN, 2015, p. 6). Mesmo que as duas tenham poder e validação “[...] o uso da voz coletiva da comunidade reivindica validade intersubjetiva, enquanto o uso da voz pessoal do autor ganha sua validade justamente por sua natureza subjetiva” (HAMANN, 2015, p. 6).

Se como disse Vavy Pacheco Borges (2009), aquele que narra a vida do outro de certa forma fala de si mesmo, o discurso oculto no obituário de consagração pode revelar o desejo do biógrafo de ser memorado da mesma forma que o morto homenageado, ou revela a identificação com o indivíduo, e a ânsia por consagrar a si mesmo consagrando seu par. Em se tratando de Joaquim Nabuco, ao que parece, a canonização de sua persona se dá, não apenas a partir de sua própria narrativa na autobiografia *Minha Formação (1900)* em que ele forja uma identidade de si, mas também, e por conseguinte, a partir da produção e esforço de estudiosos ou admiradores que talvez, desejosos de serem consagrados, consagram Nabuco produzindo uma biografia ou elogio fúnebre tão ilustre que legitime até mesmo seu próprio status social, como se estivessem saudando a própria classe ou posição. Essa seria a identificação com o falecido.

Por essa ótica, a narrativa do elogio fúnebre cria um sujeito absoluto, é como se aquele momento histórico devesse ser memorado por meio da trajetória grandiosa desse indivíduo em específico. Ou seja, consolidam-se assim os grandes vultos, os interpretes da nação que devem ser qualificados e memorados como tal. Entretanto, o que é dito no discurso público do obituário e da biografia, é previamente pensado para qualificar e atribuir relevância à produção do texto. Da mesma forma, essa produção discursiva não só busca consagrar uma persona, como também atesta positivamente um estilo de vida, por isso os destaques apenas às conquistas e grandes feitos do falecido. E no caso do obituário acima mencionado, escrito por Galvão, o fato desse texto advir de uma determinada instituição de renome como IHGB, ou ter sido produzido por um intelectual da instituição, a legitimidade das afirmações ali contidas cresce em grande grau.

Como por exemplo aquelas coleções de “grandes vultos” que são armazenadas na biblioteca do Senado, com vistas a mostrar quais as figuras que representaram a nação e que devem ser lembradas como grandiosas.

Outra referência utilizada em nossa análise, é a narrativa de Gilberto Freyre, o intelectual se dedicou à produção de inúmeros textos sobre Joaquim Nabuco, no intuito de fazer com que a comemoração de cem anos de morte do abolicionista em 1949, fosse algo permanente na história do Brasil. Freyre preparou um discurso em homenagem a Nabuco já em 1847, e daí em diante seguiu na produção de vários artigos publicados em jornais e revistas que falavam sobre a figura extraordinária de Joaquim Nabuco e sua vida exemplar. Segundo consta, na coletânea que analisamos, Gilberto Freyre escreveu estes textos entre 1847 até meados de 1987, e hoje estão compilados em um único livro editado pela Girafa em 2010, com organização de Edson Nery de Fonseca e Jamille Cabral Pereira Barbosa.

O que nos chama a atenção, nessa produção que vamos considerar obituária, é o empenho de Freyre em apresentar Nabuco como persona excepcional. E nesse caso, a narrativa na época, não foi

a de uma biografia organizada como as outras comuns, os artigos originais de Freyre foram publicados em locais diferentes, e ele selecionava assuntos diversos para afirmar a identidade intrínseca de Joaquim Nabuco e exaltá-lo. Na fala de Freyre, Nabuco é denominado como homem *atual*, “*pioneiro do trabalhismo no Brasil*”; “*revolucionário conservador*”; “*homem independente*”, e até mesmo como um “*homem público e ainda sem sucessor.*” (FREYRE, 2010). É claro que mesmo não se tratando de uma biografia propriamente dita, mas de um elogio fúnebre, no assunto abolicionismo, Freyre também evoca a origem de Nabuco como resposta à dedicação de Nabuco pela emancipação, estratégia discursiva típica de textos biográficos com intuito de construir um sujeito predestinado, com um desfecho previamente pensado. Em uma determinada passagem, Freyre destaca que Nabuco foi formado pelo leite de escrava: “*pelos braços de escravos que primeiro o arregaram, pelos risos de escravos que lhe afugentaram os primeiros choques e tédios de criança, pelas mãos de escravos que lhe levaram à boca as primeiras comidas*”, e especula ainda que Nabuco tenha sido formado: “*talvez pelos beijos de escrava que primeiro lhe deram sugestões de outro amor de mulher além do de mãe[...]*” (FREYRE, 2010, p. 12, grifos nossos). Tudo isso para dizer, como Nabuco, que ao longo do texto será narrado numa espécie de herói da abolição, foi formado e educado desde a gênese muito próximo de pessoas escravizadas, assim, a gênese narrada dessa forma específica serviria para explicar a trajetória do sujeito.

O culto ao “*imortal*” Joaquim Nabuco, nas palavras de Freyre, o eterniza como humano diferenciado e capaz de absorver toda a dor dos escravizados, por isso seu entusiasmo pela causa abolicionista. Segundo Freyre:

Joaquim Nabuco foi mais que qualquer outro, branco ou preto, *o redentor dos cativos no Brasil*, porque mais do que ninguém *absorveu* os pretos e dos próprios livres, mas pobres e abandonados [...] *toda a dor, todo o sofrimento, todo o desejo imenso [...] de liberdade ou de redenção*, até hoje ele próprio, Nabuco, transborda dessa dor, desse sofrimento e desse desejo (FREYRE, 2010, p. 13, grifos nossos).

Pode se ver, que Nabuco não só é evocado como *redentor dos cativos*, mas também como se ainda estivesse vivo. É quase como um mártir a imagem que se quer passar de Nabuco no que tange a questão da abolição.

O discurso obituário de Freyre, também não economizou na exaltação do físico de Nabuco e no culto ao corpo do abolicionista e sua beleza extrema que dizia encantar a todos. Segundo Freyre, Nabuco tinha “*um físico impressionantemente belo*”, que a velhice não prejudicou e, pelo contrário, “*aos cinquenta anos, sua aparência, além de esplendidamente eugênica, superiormente estética [...]*” permitia a Nabuco encantar o público em seus discursos além do autodidatismo e o conhecimento da melhor forma oratória (FREYRE, 2010, p. 74-75, grifos nossos). São esses, alguns dos atributos ressaltados por Freyre ao longo dos textos de consagração, além de conter uma petição

ao leitor e a toda a nação sobre a preservação da figura de Nabuco na história: “*De Joaquim Nabuco é preciso que ninguém esqueça ter sido, como político, um misto de dionísio e não apenas o glorioso e até olímpico grande brasileiro [...]*” (FREYRE, 2010, p. 81, grifos nossos). E o culto a grandiosidade de Nabuco, se estende à exaltação do empenho de Nabuco na causa abolicionista e a responsabilidade, “*voltada a integração na sociedade brasileira*” do escravizado como trabalhador livre. (FREYRE, 2010, p. 81, grifos nossos). Ou seja, Freyre destaca a causa abolicionista como algo efetivo nas mãos daquele que primeiramente foi narrado como glorioso brasileiro, seria esse o desfecho, a vida de Nabuco, o célebre que não deve ser esquecido, dedicada à uma causa em prol do outro.

Outro ponto de destaque no discurso de Gilberto Freyre, é a demarcação de Nabuco como responsável por algo maior que o integre à nação, relegando assim o mérito com que Nabuco deve ser lembrado, da mesma forma, Freyre destaca a exaltação da individualidade de Nabuco como representação da nação toda. Segundo Freyre, quando Nabuco estava “*escrevendo sua autobiografia, Joaquim Nabuco escreveu também um capítulo de história social brasileira considerado ecológico e telúrico*” (FREYRE, 2010, p. 98, grifos nossos). Com isso, ele denomina a autobiografia de Nabuco como um capítulo da história de um país, ou seja, ela é “coletiva” e, como ele diz, uma autobiografia representativa “de um tipo regional ou nacional de homem.” (FREYRE, 2010, p. 98). Mas, ao analisarmos à escrita de Nabuco é possível verificar que a autobiografia é composta por uma linguagem extremamente egocentrada, Nabuco se descreve como líder, como o mais dedicado à causa abolicionista. Sendo assim, mesmo que essa obra pudesse ser lida como um capítulo da história do Brasil, o contexto não abrange a história social, como sugere Freyre, pelo contrário, Nabuco se autobiografa para se eternizar, para marcar seu nome e ser reconhecido como abolicionista renomado, bem como, para fabricar uma imagem específica de si mesmo.

Como mencionou Michel-Rolph Trouillot (2016), essa ideia de uma memória que parte do individual é problemática, pois aquilo que memoramos não se trata de um conteúdo fixo, imagina a ideia de “um monólogo descrevendo em sequência todas as recordações de um indivíduo. Acabaria parecendo-se a uma cacofonia sem sentido até mesmo para o próprio narrador [...]”. Trouillot alerta ainda, que “o indivíduo só pode recordar o que se lhe revela de um evento, mas não o próprio evento.” (TROUILLOT, 2016, p. 39-41). Ou seja, se considerarmos que Nabuco forja uma identidade de si na autobiografia, e que o foco de sua narrativa é sua liderança no movimento abolicionista, e na luta pela libertação das pessoas escravizadas, qual história coletiva seria apresentada nesse contexto? E porque recordar a história “coletiva” a partir da vida apenas de Nabuco o destacando como principal figura na abolição? Se na autobiografia o foco é destacar a vida e imagem do biografado, as pessoas

escravizadas, por exemplo, estariam não apenas ocultas nessa história, mas também como meras figurantes naquele cenário.

Como se vê, tanto Galvão, quanto Freyre, sustentam em seus discursos, a própria construção que Nabuco fez de si, o problema nessa narrativa é que a versão de Nabuco acabou virando guia para várias interpretações desse momento histórico que foi a abolição (ALONSO, 2008), o que contribui para o apagamento de sujeitos que no mesmo tempo de Nabuco, lutaram e resistiram contra a escravidão cotidianamente, como por exemplo as próprias pessoas escravizadas. De outro modo, essa prática retórica ainda silencia um passado que parece apenas ser contado e legitimado pela via institucional, e pela ótica biográfica de “grandes homens” (TROUILLOT, 2016). Nesse caso, não daria para considerar as informações presentes na autobiografia de Nabuco, e nos obituários analisados, como uma informação de história coletiva. A ideia de autobiografia e obituário é o suposto *eu* equilibrado, ordenado e sem interferências, ou seja, é uma suposição, não se trata de ocorrências ou mesmo desequilíbrios desencadeados pelos acontecimentos. O obituário é a representação do fato, uma *fôrma* fabricada do sujeito e de sua trajetória. Por outro lado, a memória daquele período escravocrata é história de *tato*, pois os acontecimentos expressos na história possuem nomes e realidades concretas em relação à ficção do discurso obituário, daí a necessidade de colocar esses discursos em análise pensando sua produção como uma produção que integra um objetivo maior, como uma formação de pensamento e talvez ordenadora de ações.

Ou seja, esse cenário acadêmico e institucional de ilusão, fabricação de uma memória por meio da escrita obituária, parece expressar uma luta entre a história de sujeitos que não são os enunciadores de enunciados insígnis, mas são eles próprios a enunciação e o discurso inseparáveis de seus corpos, contra a ideia de uma epistemologia de consagração. Sendo assim, o discurso biográfico e obituário, pelo viés aqui abordado, interpela sobre quem foi o indivíduo a ser consagrado, *e o que se diz sobre* esse indivíduo e sua trajetória, e aquilo que se diz sobre o passado tem a ver com o que se deseja e se vivencia no presente. Nesse caso, talvez com um desejo de consolidação de heróis, e salvadores, e de imposição, por meio do poder e da dominação exercida no discurso público do elogio fúnebre, de uma memória que se sobressaia como superior.

De todo modo, acreditamos que esse é um discurso de manutenção de uma engrenagem que favorece privilégios do grupo que conclama a exaltação. Não se trata de afirmar que Nabuco não foi também um ator na história, trata-se de destacar que todos os humanos ali presentes deveriam ter sido, e devem ser enfatizados como atores, e não apenas Nabuco como único salvador. Como nos lembrou Trouillot (2016, p. 55), é bom que a narrativa histórica aborde os indivíduos como “sujeitos consequentes, conscientes de suas próprias vozes”, isto é, envolvidos no processo social como agentes

e não como figuras secundárias como aparecem na história que seira contada apenas pela autobiografia de Nabuco, que parece ter servido como base para muitas das biografias posteriores.

Para nossa discussão, trouxemos apenas duas amostras mais específicas de elogio com a qual Nabuco foi consagrado pós morte. É característica do elogio fúnebre, por mais sorte que o indivíduo possa ter experimentado ao longo da vida, ou por mais que os fatos de sua história tenham sido fruto de oportunidades e privilégios, a narrativa obituária vai seguir o raciocínio de cunhar os feitos à origem do morto. Ou seja, apresenta-lo como um talentoso natural e merecedor desse espaço na história e memória do país, ou da instituição em questão. Se seu mérito é de nascença, o que isso legitima afinal? Ao que tudo indica, esse tipo obituário marca um lugar social, uma identidade social para o falecido. O modo pelo qual Nabuco foi consagrado é o modo como, não só ele, mas também seus pares biógrafos, quiseram que ele fosse lembrado na história do país. Sendo assim, é possível pensar que o sucesso na canonização de Joaquim Nabuco, é resultado de uma construção imaginária do que seria o indivíduo, preenchida de admiração e elogios exacerbados, e, talvez, resulta também de uma construção muito baseada no que o próprio Nabuco escreveu sobre si, atrelada a evocação de um tipo ideal de líder político e intérprete da nação.

Sobre esse ponto, Henrique Antônio Ré (2009) afirma, que a vertente historiográfica que se voltou a expor o pensamento e os feitos de Nabuco, “começou a se formar logo após a sua morte, por volta de 1910” (RÉ, 2009, p. 34). E o que ocorreu nesse primeiro momento foi exatamente a produção de textos fúnebres e memorialísticos que “tinham como finalidade precípua exaltar suas contribuições para a emancipação dos escravos [...] sempre com o sentido de construir uma imagem positiva do homem que teria sido um dos maiores responsáveis pelo fim da escravidão no Brasil.” (RÉ, 2009, p. 34). A pesquisa de Ré ressalta, que ali pelo século XX vieram as produções mais voltadas à construção biográfica de Nabuco, ou seja, voltadas à ideia de trajetória linear e ordenada, como por exemplo a biografia escrita por sua filha Carolina Nabuco em 1928, a de Luiz Viana Filho em 1973 e a de Celso Vieira de 1949, que declara Nabuco como *Libertador da Raça Negra*.

Um pouco do que isso nos revela, ainda que brevemente, é o esforço na criação desse indivíduo dito memorável e como disse o próprio Antônio Ré: “esforço de alguns grupos da inteligência brasileira para firmar o nome de Joaquim Nabuco de modo oficial como um dos expoentes da cultura e da história nacional.” (RÉ, 2009, p. 35). Por consequência disso, o que temos é um Joaquim Nabuco selado na historiografia como sujeito monumento, e nas suas biografias como figura de destaque na abolição. Do mesmo modo, a preocupação em selar Nabuco como sublime, e principalmente como *libertador da raça negra*, parece ter negligenciado que Nabuco tinha seus próprios interesses, e como já afirmado por Hilton Costa (2014), ficou claro que “o combate à escravidão promovido por Nabuco não se deu tão somente por simpatias pela raça negra e ou pelas

peças escravizadas em si”, pelo contrário, o investimento em uma “defesa” dos que sofriam com o sistema opressor se fez “principalmente porque a escravidão envergonhava o Brasil perante as demais nações livres do mundo, imobilizava os capitais e colocara o país nas mãos dos comerciantes de pessoas escravizadas” (COSTA, 2014, p. 11).

O que se vê na maioria das biografias sobre Nabuco do século XX, é uma visão de que a luta pela emancipação escrava não teria ocorrido se não fosse por ele². Como bem afirmou Henrique Ré, a figura de Nabuco aparece como destaque principal, como se a luta pela abolição só tivesse ocorrido de maneira séria e efetiva apenas no Parlamento, espaço em que Nabuco estava expressamente inserido. De modo mais preciso, Ré defende, que se formos acreditar nessas biografias é como se não tivessem ocorrido outras lutas contra a escravidão, podem até considerar algumas lutas, “mas aquelas que merecem entrar para a história são as lutas de ideias, de tribuna, de oratória; tudo o resto são inconvenientes, frutos do excesso ou do desespero e que merecem, portanto, ser silenciados.” (RÉ, 2009, p. 36-37). Nessa mesma perspectiva, o historiador Ricardo Salles (2012), também contribui afirmando que “os cem anos da morte de Joaquim Nabuco, ocorridos em 2010, não foram diferentes. Diversos eventos, novas publicações de suas obras, palestras e mesas-redondas incensaram sua figura, colocando-o como um “homem à frente de seu tempo” (SALLES, 2012, p. 93). Entretanto, Salles destaca que Nabuco nada mais era do que um homem do seu tempo, preocupado com as questões do seu tempo e com uma posição social privilegiada, uma vida conturbada em termos de decisão de qual carreira seguir, além do gosto e da ânsia pelo sucesso na política.

Por todo exposto, resta refletirmos, a quem interessa que a figura de Nabuco fique marcada por esse viés? Àqueles que por meio do poder e da dominação, mantêm a posse do espaço de discussão e consolidação de uma narrativa histórica denominada como verdadeira? Ou, talvez àqueles que por trás de uma ideia dissimulada de consideração da consagração de grandes heróis como importantes para a história do país, procuram mostrar quem de fato detém o poder da palavra e da produção histórica. Se pensarmos na quantidade de biografias, que buscaram legitimar a imagem e trajetória de Nabuco, como peças centrais na produção historiográfica daquele período, a impressão que se tem é da existência de um pacto historiográfico para substituir a historicidade do momento com seus agentes, atores e sujeitos, pela história contada por “vencedores”, ou através da vida daquele que se demarca como “vencedor”, “salvador”, “libertador”. Ou seja, por uma referência que se considere legítima frente ao poder instaurado.

Uma abordagem interessante, pensando ainda mais próximo de Trouillot, seria o fato de que a narrativa do obituário é uma produção esquemática de modo que a vida não pode ser, ou seja, há

² Para uma abordagem mais ampla sobre a fortuna crítica de Nabuco e outras biografias do século XX que instauram a figura de Nabuco com destaque na luta pela abolição, ver Antônio Ré, 2009.

uma distorção do real. Nesse caso cabe ainda o questionamento: “se a história é tão somente a estória contada pelos vencedores, como é que eles chegaram a vencer?” (TROUILLOT, 2016, p. 26-7), se não por meio de uma coexistência dentro de um contexto social. Ao que tudo indica, a percepção unilateral da história centra-se sobretudo numa repetição de representação, aquilo que o indivíduo quer recordar de um evento, “mas não o próprio evento” (TROUILLOT, 2016, p. 40). Nesse sentido, parece ser nossa a tarefa de olhar para o passado a partir do presente e sermos “sinceros ou insinceros em relação ao passado que escolhemos aceitar” (TROUILLOT, 2016, p. 248). De toda forma, fica a reflexão da importância de considerar seres humanos como participantes ativos na história, como atores, mas, também como narradores (TROUILLOT, 2016, p. 21), isto é, a história depende dos gestos que a fazem, da presença de seus membros, e não apenas de uma única figura isolada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das argumentações expostas, buscamos refletir a possível existência de uma ilusão expressa na fórmula e construção de obituários, segundo a qual, o mundo deve seguir uma série ilimitada de eventos, e esses eventos seriam a história em forma de gratificação de indivíduos insígnies e famílias ilustres. Compreendemos, junto a Trouillot, que “a história não pertence apenas aos seus narradores, profissionais ou amadores” (TROUILLOT, 2016, p. 252), ela pertence também ao social, aos participantes que muitas vezes foram narrados como vencidos, subordinados ou mesmo abnegados. Por esse viés, a história concisa, produto do obituário do indivíduo dito renomado, se apresenta como expressão do desejo de imperar através do discurso público.

Boa parte dos questionamentos aqui levantados, talvez não tenham sido sanados nessa breve discussão, entretanto, nossa intenção foi pensar de modo histórico e filosófico sobre como o texto obituário se volta à consagração de um indivíduo o elencando como talento natural, ou mesmo como principal responsável na luta por uma causa em que ele não estava sozinho e isolado. Nesse ponto, é factível ressaltar, como bem afirmou Ricardo Salles (2012), que Joaquim Nabuco não foi a principal figura na luta pela abolição da escravidão no Brasil, como enfatizou Gilberto Freyre, Galvão e muitas outras biografias do século XX. Ele não era um sujeito deslocado do todo, mas sim *um dos* sujeitos na luta composta por tantas outras pessoas essenciais para consolidação de um movimento abolicionista, e da abolição em si. Portanto, antes de memorar Nabuco como “salvador”, “libertador” e líder, caberia ressaltar que na luta contra a escravidão, participaram “milhares de homens e mulheres”, trabalhadores, escravizados e ex-escravizados “[...] que viam na escravidão, além de um ato imoral, um obstáculo para que pudessem melhorar suas condições de vida e trabalho” (SALLES, 2012, p. 93), ou seja, indivíduos salvadores de si alinhados por mudanças e melhorias para os que realmente sofriam com o sistema escravista.

Dessa forma, o modo discursivo do obituário e a prática de consagração do outro como sublime, não tem somente a função de construção da imagem do morto como patrimônio nacional, mas também legitimar sua trajetória na história do país, formulando assim pensamentos e até mesmo crenças em símbolos. No mesmo sentido, essa mesma produção discursiva não atende apenas uma demanda por instaurar “heróis” nacionais, acreditamos que ela também relega ganhos à reputação de quem escreve o texto de consagração. Ao que parece, e no fim das contas, o ritual de convidar o especialista para produção do obituário, e o modo de construção da imagem do “herói”, desenham uma história construída *deles* por *eles* mesmos, e pela manutenção da reputação de si e dos seus pares.

Por suposto, nossa abordagem é também crítica da existência de um discurso que perpassa os tempos, aplaudindo e saudando aqueles que, alguma determinada instituição, considerou como sujeitos exemplares. No caso de Joaquim Nabuco repetimos o questionamento sobre, a quem serve a sua canonização, e a quem serve a demarcação desse indivíduo em específico como “*libertador da raça negra*”? Do mesmo modo, quais seriam as implicações disso em termos de história e memória de um período marcado pela escravidão? Talvez, um possível desenlace para tais dúvidas, seja a percepção, de que contar a vida de Nabuco por esse viés implica contar uma *única* história, uma história compactada, ordenada e que desconsidera um todo social que existia em consonância com o próprio Joaquim Nabuco.

Por essa ótica, e como bem nos alertou Chimamanda (2009), a tentativa de se contar uma *única* história, acarreta na determinação do que vai ser mostrado e colocado como destaque, o que pode invisibilizar fatos, contextos e sujeitos participantes ativos de uma mesma trama. Nabuco foi sim, um político engajado na causa pela abolição, mas ele não foi o único, nem o primeiro sujeito a ter lutado contra a escravidão no Brasil. Muito menos foi líder do movimento abolicionista e pugnador da abolição, como se descreveu e ficou de fato conhecido por meio das várias releituras biográficas do século XX, que aliás parecem ter reproduzido a representação que ele fez de si mesmo na autobiografia *Minha Formação* (1900).

Apesar da repetição exacerbada, e da evocação no discurso obituário de um Nabuco como destaque na causa abolicionista, a luta contra a escravidão, e todas as resistências durante o processo de abolição, foram de fato realizadas no cotidiano das pessoas escravizadas, nas ruas, e nos engenhos de todo o país³. Do mesmo modo, o fato de Nabuco ter fabricado sua própria imagem como líder do movimento abolicionista, e principal responsável pela causa, indica também que houve uma preocupação do sujeito em deixar a história de sua vida contada de uma determinada maneira, e não

³ Para mais detalhes sobre esse assunto ver pesquisas que buscaram enfatizar o sujeito escravo como ser ativo na luta antiescravista, como exemplo: Célia Azevedo (1987); Sidney Chalhoub (1990; 2012); João José Reis (1989; 2019); Katia Mattoso (2016); Beatriz Mamigonian (2017).

de outra. A autobiografia de Nabuco denominada *Minha Formação (1900)*, não foi uma obra escrita de modo desinteressado, trata-se de “uma escrita retrospectiva, produzida com finalidades políticas”, bem como, da construção de uma imagem individual e ao mesmo tempo de uma versão da história (ALONSO, 2008, p. 13). Isso nos faz pensar, sobre como a biografia de Joaquim Nabuco, composta por toda uma repetição e celebração, pode ter contribuído na construção e manutenção de uma história enviesada sobre a abolição da escravidão no Brasil. Conseqüentemente, é necessário rever a utilização da autobiografia como primeira e única fonte de informações da vida e obra do biografado, para não cairmos no erro de narrar a vida do sujeito explicando-o a partir de sua origem, a partir de si mesmo, desconsiderando todo o tecido social de seu tempo.

Sendo assim, o discurso obituário com seu objetivo de saudação, pode até tentar captar momentos da vida do sujeito, e qualifica-los por meio de adjetivações que demonstrem superioridade ou que o diferencie, fabricando assim uma história desejada. Entretanto, a historicidade presente no obituário construído com intuito de exaltação, eternização e evocação, é uma historicidade fabricada, daí que entra o questionamento sobre qual seria realmente o sujeito por trás do discurso público do obituário. E além do mais, o que o autor do obituário enfatiza sobre si roteirizando e descrevendo a trajetória do falecido?

De toda forma, na produção discursiva biográfica e obituária apresentada aqui sobre Joaquim Nabuco, notamos que mesmo com as estratégias retóricas, talvez não tenha sido possível captar a vida do indivíduo de maneira excepcional, mas, o discurso oculto que não aparece no discurso público, pode ser a própria identificação com o falecido, o sentimento de pertença a raça ou classe de Nabuco. Pode ser o sentimento de merecimento de uma saudação, assim como, o desejo de erguer ou manter um monumento de Nabuco que se pareça com aquilo que o produtor do texto, e a instituição em questão, impõem como verdadeira e única memória daquele período.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. Movimentos abolicionistas. In: *Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos*. SCHWARCZ, Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, p. 328-333, 2018.
- ALONSO, Angela *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

- ALONSO, Angela. Joaquim Nabuco: o crítico penitente. In: Botelho, André e Schwarcz, Lilia. (org.). *Um enigma chamado Brasil: um país e 29 interpretes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALONSO, Angela. *O Abolicionismo Cosmopolita: Joaquim Nabuco e a rede abolicionista transnacional*. Novos Estudos, CEBRAP, nº 88, nov. 2010.
- ALONSO, Angela. *Escravidão de Circunstância: o repertório moral do escravidão e do abolicionismo brasileiros*. In: Seminário sociologia, política e história, mai. 2011.
- ALONSO, Angela. “Ele era um liberal, não um socialista”. In: MORAES, Fabiana. *Nabuco em pretos e brancos: um olhar sobre o abolicionista e o racismo de um país onde o status embranquece negros – e, quando ausente, escurece a pele alva*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; Jornal do Commercio, 2012a.
- ALONSO, Angela. A teatralização da política: a propaganda abolicionista. *Tempo Social, Revista do Departamento de Sociologia da USP*, volume 24, nº 2, 2012b.
- ALONSO, Angela. *Flores, Votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALONSO, Angela. *Problemas e escolhas na reconstrução da biografia de Joaquim Nabuco*. Apresentado no Seminário Interno do Departamento de Sociologia - USP, 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/index.php?r=acervos/busca>. Acesso em: 26 agosto de 2019.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da história, escrita biográfica. Das possibilidades de sentido. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso (org.) São Paulo: Letra e Voz, p. 63-8, 2012.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra medo branco: O negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Batismo da liberdade: os abolicionistas e o destino do negro. In: História questões e debates. *Revista da associação paranaense da História*, ano 9, nº 16, p. 38-65, 1988.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Quem precisa de São Nabuco? In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, nº1, p. 85-97, 2001.
- BORGES, Vavy Pacheco. “O ‘eu’ e o ‘outro’ na relação biográfica. Algumas reflexões”. In: NAXARA, M. MARSON, I.; BREPOHL, M. (org.) *Figurações do outro*. Uberlândia: Edufu, p. 225-40, 2009.
- CASTILHO, Celso; COWLING, Camila. *Bancando a liberdade, popularizando a política: abolicionismo e fundos locais de emancipação na década de 1880 no Brasil*. Afro-Ásia, núm. 47, p. 161-197, 2013.

- CASTILHO, Celso Thomas; MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo (org.). *Tornando-se livres: Agentes Históricos e Lutas Sociais no Processo de Abolição*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. 8º ed. São Paulo: Unesp, 2008.
- COSTA, Hilton. *Joaquim Nabuco e a noção de raça nos anos 1880: Entre o agir político e o agir intelectual*. XII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH/RS. Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2014.
- FREYRE, Gilberto, *Em torno de Joaquim Nabuco*. FONSECA, Edson Nery (org.), BARBOSA, Jamile Cabral Pereira (col.) São Paulo, A Girafa, 2010.
- GALVÃO, Sebastião de Vasconcelos. *Esboço biográfico do embaixador Joaquim Nabuco de Araújo*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. LXXXIV/2, p. 9-177, 1911.
- HAMANN, J. “Let us salute one of our kind.” How academic obituaries consecrate research biographies, *Poetics* (2016), <http://dx.doi.org/10.1016/j.poetic.2016.02.005>.
- LIRA, Jorge Buarque. *Joaquim Nabuco o homem e a ação, interpretação e crítica em torno de si a individualidade poliédrica de mistagogo do ideal*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1991.
- MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. *Africanos livres: A abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil - Séculos XVI-XIX*. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2016.
- NABUCO, Joaquim. *O Eclipse do Abolicionismo*. TYP. De G. Leuzinger & Filhos. Rio de Janeiro, 1886.
- NABUCO, Carolina. *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Americ Edit, 1929.
- NABUCO, Joaquim. *Obras completas de Joaquim Nabuco (Volume 13) Cartas a amigos (Volume 1)* Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. Instituto Progresso Editorial: SP, 1949.
- NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Publifolha, 2000.
- NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- RÉ, Henrique Antonio. *Progresso e utopia no pensamento antiescravista de Joaquim Nabuco: influências da economia política francesa e das teorias racialistas*. Tese [Doutorado em sociologia] – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RÉ, Henrique Antonio. Uma história da British and Foreign Anti-slavery Society: a instituição que internacionalizou o antiescravidão britânico. *rev. hist.* (São Paulo), n.176, 2017.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociações e Conflito; a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SALLES, Ricardo. *Joaquim Nabuco: Um pensador do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2002.

SALLES, Ricardo Quando o futuro de 1888 chegará? In: MORAES, Fabiana. *Nabuco em pretos e brancos: um olhar sobre o abolicionista e o racismo de um país onde o status embranquece negros – e, quando ausente, escurece a pele alva*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; Jornal do Commercio, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. Publisher: Companhia das Letras: 2005.

SCOTT, James C. *A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos*. Lisboa/Fortaleza: Livraria Letra Livre/Plebeu Gabinete de Leitura, 2013.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da História*. Curitiba: Huya, 2016.

VIANA F. Luis. *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Martins/MeC, 1973.

VIEIRA, Celso. Joaquim Nabuco. *Libertador da Raça Negra*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial. 1949.